https://doi.org/10.51359/2594-9616.2024.263946

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

REVISTA ENSINO DE GEOGRAFIA (RECIFE)

Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente (LEGEP)

https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia

PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

EDUCAÇÃO ILUSTRADA: O PAPEL DOS DESENHOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Geraldo Rosolen Junior[1] - Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4883-7550

[1] Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos - SP, Brasil*

Artigo recebido em 15/08/2024 e aceito em 11/09/2024

RESUMO

Este artigo explora o uso do desenho como ferramenta pedagógico-metodológica no ensino de Geografia, abordando a importância dos recursos visuais para a compreensão de conceitos geográficos complexos. Neste artigo, compartilho minha experiência como professor de Geografia no ensino público de São Paulo, onde adotei a prática de incorporar desenhos na lousa como forma de facilitar a aprendizagem dos estudantes, principalmente, ao ensinar conceitos abstratos da Geografia Física. A utilização de desenhos e representações geográficas permite que os alunos desenvolvam uma melhor compreensão espacial, estimula a criatividade e aumenta o engajamento nas aulas. Além disso, é importante destacar o impacto positivo dos desenhos na autoestima dos estudantes e na melhoria de seu desempenho acadêmico, além de ressaltar a necessidade de equilibrar o uso de recursos tecnológicos com abordagens ditas 'tradicionais' como o desenho, especialmente em temas de maior complexidade.

Palavras-chave: ensino de geografia; desenho; prática pedagógica; metodologia ativa; aprendizagem

ILLUSTRATED TEACHING: THE IMPORTANCE OF DRAWINGS IN GEOGRAPHY TEACHING

ABSTRACT

This article explores the use of drawing as a pedagogical-methodological tool in Geography teaching, addressing the importance of visual resources for understanding complex geographical concepts. In this article, I share my experience as a Geography teacher in public schools in São Paulo, where I adopted the practice of incorporating drawings on the blackboard as a way of facilitating student learning, especially when teaching abstract concepts in Physical Geography. The use of drawings and geographical representations allows students to develop a better spatial understanding, stimulates creativity and increases engagement in lessons. In addition, it is important to highlight the positive impact of drawings on students' self-esteem and improved academic performance, as well as the need to balance the use of technological resources with so-called 'traditional' approaches such as drawing, especially in more complex subjects.

Keywords: geography teaching; drawing; pedagogical practice; active methodology; learning

* Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, campus de Guarulhos. Email: grosolen.junior@hotmail.com

ENSEÑANZA ILUSTRADA: EL PAPEL DE LOS DIBUJOS EN LA DOCENCIA DE LA GEOGRAFÍA

RESUMEN
Este artículo explora el uso del dibujo como herramienta pedagógico-metodológica en la enseñanza de la Geografía, abordando la importancia de los recursos visuales para la comprensión de conceptos geográficos complejos. En este artículo, comparto mi experiencia como profesora de Geografía en escuelas públicas de São Paulo, donde adopté la práctica de incorporar dibujos en la pizarra como forma de facilitar el aprendizaje de los alumnos, especialmente al enseñar conceptos abstractos de Geografía Física. El uso de dibujos y representaciones geográficas permite a los alumnos desarrollar una mejor comprensión espacial, estimula la creatividad y aumenta el compromiso en las clases. Además, es importante destacar el impacto positivo de los dibujos en la autoestima de los alumnos y en la mejora de su rendimiento académico, así como subrayar la necesidad de equilibrar el uso de los recursos tecnológicos con los enfoques denominados 'tradicionales', como el dibujo, especialmente en las asignaturas más complejas.

Palabras clave: docencia de la geografía; dibujo; práctica pedagógica; metodología activa; aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Em finais de 2021 ao iniciar minha carreira de docente no ensino público do estado de São Paulo, na disciplina de Geografia, encontrei diversos desafios, mas um dos maiores foi quando ao lecionar sobre variados conteúdos de Geografia Física, tomei consciência que muitos conceitos abordados em sala eram abstratos e/ou confusos demais para os estudantes, e exigia um nível de interpretação e abstração, do qual muitos ainda não haviam alcançado.

Desse modo, ao buscar uma solução lembrei-me de quando, durante meu mestrado em História, ao ler as fontes históricas sentia a falta um recurso visual de apoio para conseguir relacionar informações, lugares e regiões. Para solucionar isso, pedi a um colega, Orlando Guarnier Cardin Farias, que participava do grupo de estudos do HÍMACO (História, Mapas e Computadores) da UNIFESP que me ensinasse a produzir mapas para minha dissertação.

A partir daí, produzi diversos mapas que forneceram base, ilustraram e deram apoio visual para muitas hipóteses que havia desenvolvido, desde ocupação de territórios, localização de cidades citadas, áreas de influência e rotas utilizadas por bispos e exércitos dos séculos V e VI. Assim, ao refletir sobre esse impacto na utilização dos mapas, percebi que faltavam ainda os recursos visuais necessários para o estímulo ao aprendizado dos meus estudantes, para transformar o abstrato em concreto e atribuir significação à conceitos e conteúdos tão complexos.

Assim, ao buscar sobre metodologias de ensino na Geografia, o livro "Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola" de Rosângela Doin de Almeida, me fez refletir sobre a utilização de imagens e desenhos enquanto sistemas de representações do espaço, nas quais as crianças atribuem significado através de sua percepção visual do objeto representado. Como Raquel Pelayo (2019) reflete, os desenhos "são, também no ensino, tratadas e encaradas como esquemas gráficos, passíveis de serem usados para resolver as mais diversas incoerências ou ambiguidades perceptivas" (PELAYO, 2019, p.74), a partir dessa compreensão, passei a incorporar os desenhos como parte fundamental e indispensável da minha lousa, muitas vezes sendo usado como apoio às sínteses de conteúdo, como veremos mais à frente.

Ao dar início a essa prática, percebi que muitos dos estudantes principalmente do ensino médio, haviam sido amputados de parte de sua percepção de mundo, pois nessa fase, é comum a utilização da lousa apenas como quadro anotações e, em primeiro momento, ao observarem os desenhos que são feitos há sempre um estranhamento e no início do ano letivo, é comum os questionamentos: "tem que copiar o desenho?", até àqueles que simplesmente se recusam a realizar o desenho, mas que após algumas semanas, observando os colegas, a estética do caderno, a facilidade ou o desafio de desenhar (de representar) e até avaliando a melhora na aprendizagem dos conteúdos passam a tomar outra postura. E hoje, felizmente, quando entro em sala tornou-se comum ouvir: "Professor, hoje tem desenho?".

OS DESENHOS COMO MÉTODO DE ENSINO

Pensar a Geografia, é também pensar nas Artes pois, sua relação não é apenas coesa, como também indissociável, "o Desenho, tal como a escrita, está presente em todas as atividades humanas que, de uma forma ou de outra, a usam como forma de visualizar, pensar, comunicar ou simplesmente arquivar informação visual ou visualizável." (Pelayo, 2019, p.76). Desde a produção dos primeiros mapas aos primeiros esboços artísticos esteve presente ali a tentativa de representar o território, uma região, o lugar de vivência, a paisagem, a cosmovisão, as relações de poder e produção que são manifestadas e georreferenciadas no espaço geográficos e transferidas à uma realidade mais ínfima e efêmera, como o papel. (Proença, 2006; Pelayo, 2019).

Aliás, Sérgio Luiz Miranda (2005) reafirma essa relação do desenho, do croqui, como parte de uma tradição geográfica, mas que infelizmente perdeu espaço e se tornou obsoleta no Ensino de Geografia a partir do advento de novas tecnologias de georreferenciamento (mas, não só) combinados

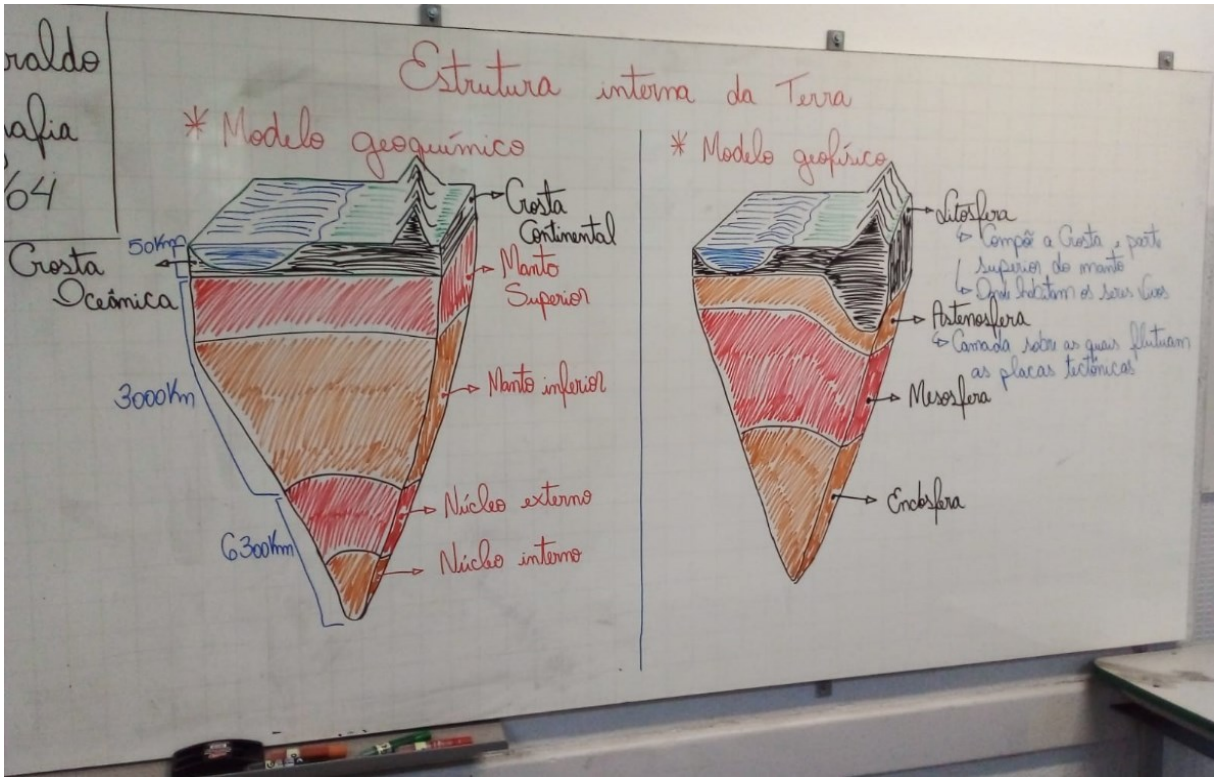
com um pensamento cientificista de objetividade, "sob um paradigma objetivista-cientificista, as imagens produzidas através de máquinas seriam, supostamente, as mais ou as únicas 'objetivas', 'científicas', 'verdadeiras', 'reais'." (Miranda, 2005, p.56). Assim, esse olhar mecânico substitui o olhar humano, que através dessa ótica passa a ser compreendido como subjetivo e, portanto, pouco preciso e confiável.

Miranda (2005) destaca ainda que a ausência da produção de desenhos na disciplina de Geografia, inclusive durante o processo de formação de professores e não apenas no ensino básico é um problema que recai não apenas ao estudante, mas também ao docente em sua atuação, pois "a falta de instrução resulta em dificuldades relativas à leitura de imagens utilizadas pelo professor como apoio ilustrativo e obstrui a progressão do estudante, que é colocado numa situação de incapacidade, submissão ou rejeição diante das artes plásticas." (Miranda, 2005, p.57). Essa mesma percepção também é discutida por Almeida (2001), pois considera que os desenhos auxiliam o professor a compreender como os estudantes pensam, reproduzem e percebem o espaço geográfico, transmitindo a eles e à nós, uma dimensão visual do conteúdo abordado em sala (Oliveira, 2016).

É interessante observar que Miranda (2005) e Pelayo (2019) avaliam uma mesma dimensão da utilização do desenho no ensino, exatamente por reconhecerem a existência de um confronto entre a busca pela objetividade-cientificista e a produção de desenhos, pois este primeiro, sufocaria a subjetividade humana, e que inclusive resulta no receio de professores compartilharem suas experiências, talvez pelo receio de não representarem um desenho com escala e perfeição matemática, e serem julgados por isso.

No entanto, Pelayo considera que "A ultrapassagem deste impasse passa pela identificação dos modelos subjacentes às várias práticas atuais de ensino-aprendizagem e a construção de um entendimento do Desenho" (Pelayo, 2019, p.75). Devido a experiência em sala, é possível perceber que esta característica não é apenas exclusiva dos professores, mas também dos discentes do ensino básico retratada em sua máxima: "professor, não sei se consigo fazer igual". Cabe ao professor estimular o aperfeiçoamento, principalmente em desenhos que demandam um pouco mais técnica e habilidades artísticas como o que vemos abaixo.

Figura 1 – Estrutura interna da Terra



Fonte: Acervo do autor

É importante reafirmar que o desenho não deve ser prerrogativa de exclusão dos discentes na participação da aula, mas àqueles com maiores dificuldades técnicas e artísticas, pode ser dado a opção de reprodução em duas dimensões, mas o importante é que ele consiga reconhecer a tridimensionalidade do objeto feito em lousa e qual sua relação com o mundo real, mais que isso o desenho serve "como método de abordagem e de análise, como investigação da paisagem através de confrontações entre o assunto observado (e não o modelo) e os traçados que resultam da análise." (Miranda, 2005, p.57). O importante, é considerar as diversas habilidades, dando opções àqueles com maior dificuldade e permitindo o desenvolvimento daqueles que já se apropriaram das técnicas e habilidades analíticas e artísticas, e que por sua vez, serão inevitavelmente, como tenho apresentado resultante em uma eficiência e melhora no desempenho da sala como um todo.

Durante a aula, o estudante deve reproduzir aquilo que ele percebe e não necessariamente fazer igual, inicialmente, o estudante deve ter compreensão do que está sendo desenhado, e ainda que não fique parecido, tais "recursos didáticos que possam instigar os alunos a participarem ativamente do processo de construção do conhecimento" (Dantas, Santos, Silva, 2016, p.59). É interessante observar também que, por vezes o desenho passa a refletir a autoestima dos estudantes, pois torna-se comum ouvir que o caderno de Geografia é o mais bonito, e com isso há um despertar e um novo olhar sobre

a disciplina que os instiga a melhorar e desenvolver a autonomia em seu processo de aprendizagem, devido ao interesse de explorar novas formas de ver e representar conceitos, que por vezes, são difíceis de serem compreendidos ao fazer uso exclusivo apenas da escrita.

Figura 2 – Os cadernos

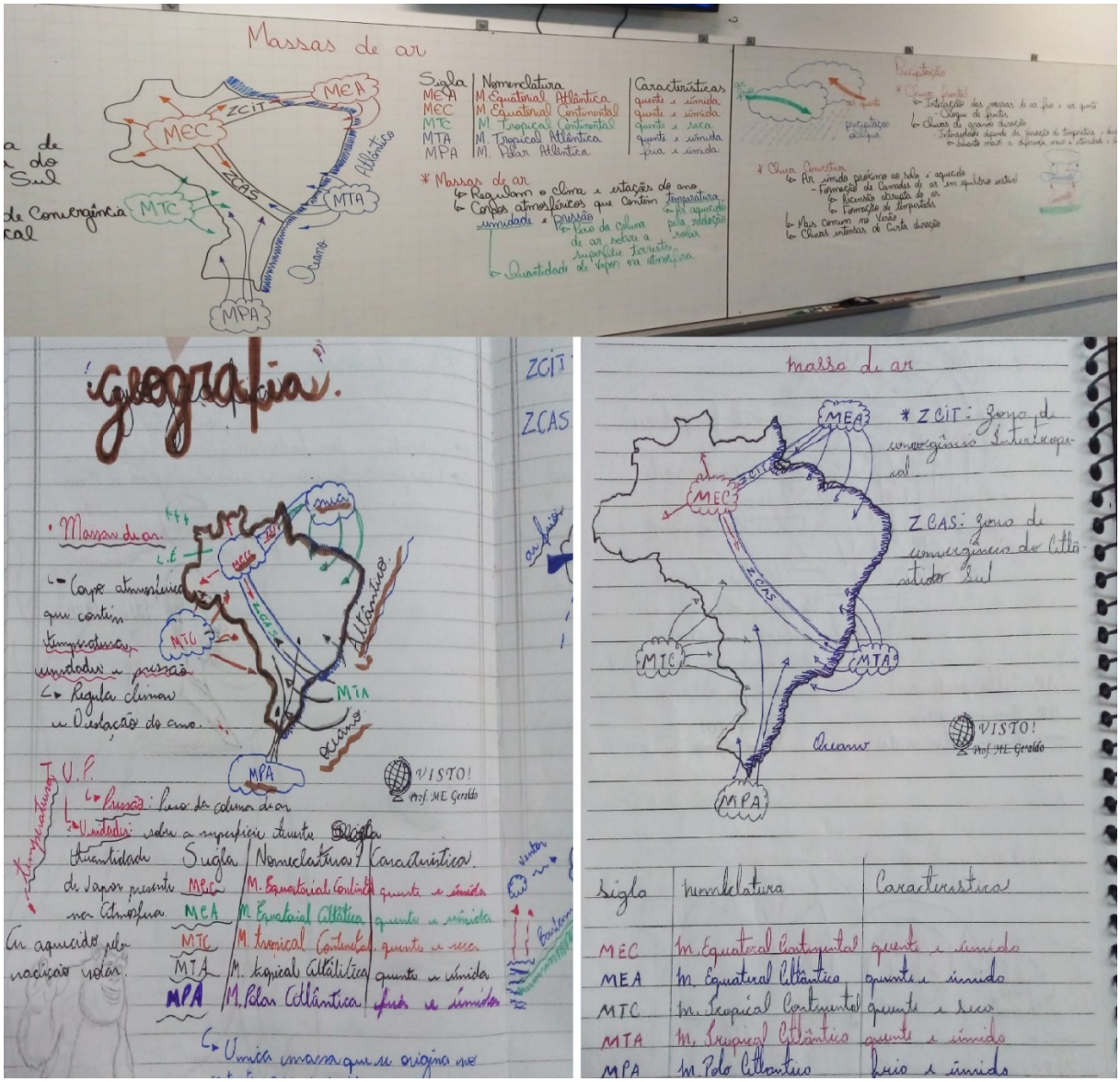
Fonte: Acervo do autor

Na figura 2 acima, é possível observar alguns elementos que foram adicionados pelos próprios estudantes, na aula sobre Deriva Continental há uma abstração da própria estudante que havia

colocado imagens geométricas nas bordas de sua página, pois para ela, assim como as placas tectônicas, apesar desses desenhos terem formatos diferentes, é possível fazer uma relação com os 'encaixes' continentais daquelas apresentadas em sala, a saber da África com a América. Há também outros elementos, na aula sobre BRICS havia desenhado as bandeiras, no entanto, o estudante inseriu no meio um globo terrestre que faz referência ao caráter de organização internacional, outros elementos também podem ser observados, como o traçado de um coração e aviações de papel que simbolizavam a relação pacífica e de cooperação entre as nações.

Assim, avaliamos que os próprios estudantes passam a representar o que mais faz sentido em sua compreensão, desenhos que muitas vezes podem parecer aleatórios, trazem consigo simbologias e significados que indicam e apresentam um avanço consistente na capacidade de abstração, assim como uma melhora na autonomia do estudante em seu processo de ensino-aprendizagem (Francischett, 2014; Silva, 2022).

Figura 2 – Massas de ar e cadernos de estudantes do 3° ano do ensino médio



Fonte: Acervo do autor

É preciso enfatizar, que embora tenha sido feito aqui, a contraposição entre desenho e recursos tecnológicos que permitem um maior rigor científico e precisão geoespacial, é primordial destacar que, o objetivo maior a ser alcançado é o aprendizado dos estudantes e que uma didática que consiga conciliar tais recursos com o uso dos desenhos, tem maior chance de sucesso, ainda mais pensando em temas de maior complexidade, como bem destacaram Rogério Oliveira de Brito e Francisco Davy Braz Rabelo (2024) em seu artigo, aonde é possível observar múltiplos recursos empregados para essa finalidade. No caso da figura 2, ao explicar o conteúdo sobre massas de ar e tipos de precipitação, e analisamos a atuação das massas de ar através de imagens de satélite do INMET, disponibilizadas em seu site e que os desenhos feitos em lousa, são para auxiliar e apoiar a aprendizagem de nossos

estudantes, e não como fator de exclusão dos usos da tecnologia em sala, apesar disso podem ser um recurso fundamental, quando há inexistência desse suporte.

CONCLUSÃO

O uso de desenhos como método no ensino de Geografia se manifestou uma prática eficaz e enriquecedora, capaz de transformar conceitos abstratos em representações concretas e acessíveis para os alunos. A experiência descrita neste artigo demonstra que, ao integrar tais elementos visuais nas aulas, é possível não apenas facilitar o processo de aprendizagem, mas também aumentar o engajamento dos estudantes, estimulando suas habilidades criativas e cognitivas.

Apesar da tendência crescente de valorizar o uso de tecnologias no ensino, principalmente como temos visto no ensino público do estado de São Paulo, é fundamental reconhecer o valor pedagógico das abordagens tradicionais, como o desenho. A combinação de recursos tecnológicos com práticas de ensino baseadas em desenhos pode oferecer uma estratégia didática equilibrada e eficaz, atendendo às necessidades educacionais contemporâneas sem perder de vista a importância das métodos e práticas que enriquecem o ensino de Geografia.

Ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de expressar sua compreensão através de representações gráficas, o docente promove uma aprendizagem mais inclusiva e participativa, que valoriza a diversidade de habilidades e perspectivas dos estudantes. Essa abordagem integrada não apenas favorece o desenvolvimento de competências espaciais, mas também contribui para a formação de um pensamento geográfico mais crítico e reflexivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa:** iniciação cartográfica na escola. 5ed. São Paulo: Contexto, 2001.

BENTES, Rodrigo Nascimento; MENDES, Luiz Augusto Soares. Desenho e topofilia: recursos facilitadores no processo de ensino-aprendizagem da categoria geográfica lugar. **Revista Ensino de Geografia**, vol3, n1, pp.132–150, 2020.

BRITO, Rogério Oliveira de; RABELO, Francisco Davy Braz. Os desafios do ensino da temática relevo na geografia escolar: experiências na regência no Ensino Fundamental II. **Revista Ensino de Geografia**, vol.7, n.1, pp.55–75, 2024.

DANTAS, Thiago Calheiros; SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos; SILVA, Ana Paula Lopes da. O desenho como recurso didático no ensino de Geografia. **Revista Contexto Geográfico**, vol. 1, n.2, pp.52–61, 2016.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Construindo elos metodológicos na linguagem cartográfica. **Revista Brasileira de Cartografia**, n.66, vol.4, pp.843-859, 2014.

MIRANDA, Sérgio Luiz. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia:** contribuição para uma geografia escolar crítica. 2005. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

OLIVEIRA, Simone Santos de. Desenho e cartografia escolar no ensino de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 20, n.3, pp.78-86, 2016.

PELAYO, Raquel. **Ensino do desenho:** pedagogias, conflitos e desafios. Porto Alegre: Homo Plásticus, 2019.

PROENÇA, Graça. **História da Arte.** 16ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

SILVA, Denise Mota Pereira da. O desenho como metodologia para desenvolver o raciocínio geográfico de estudantes do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Signos Geográficos**, vol4, pp.1–20, 2022.